

ONTOLOGIAS EM DEVIR: CONFLUÊNCIAS ENTRE MAGIA E CIÊNCIA

Nelson Job
Doutorando do HCTE/UFRJ
nelsonjob1@yahoo.com.br

Vamos apresentar uma (re)visão das passagens da magia à ciência no século XVI e XVII - onde esta foi mais intensa – enfatizando Paracelso, Giordano Bruno, Kepler e Newton - para em seguida, avaliá-las no âmbito da física moderna.

Para entendermos o que é “magia” no sentido da história do pensamento ocidental, nos reportaremos ao **hermetismo**, para a partir dele, identificarmos aspectos dela em outrem.

Hermetismo

O hermetismo é difícil de situar historicamente, em consequência, se torna complexa a precisão do advento de seus principais conceitos. Segundo o médico britânico, coronel, maçom e um dos fundadores da Ordem Hermética da Aurora Dourada¹, William Wescott (2003) e o terapeuta, secretário do controverso Aleister Crowley e membro da Aurora Dourada, Francis Regardie (2008), o hermetismo surgiu no período helenístico² (323-147 a.C.) baseados em preceitos do Antigo Egito, especificamente, os do deus Thoth, uma divindade lunar que tem a seu cargo a sabedoria, escrita, aprendizagem, magia, medição do tempo etc. Do hermetismo originaram-se a alquimia e astrologia.

Para a historiadora Frances Yates (1964), os textos herméticos iniciam no século II ou III d.C. e não na remota antiguidade, como os magos da Renascença acreditavam. Dentre estes textos, se destacam as “Enéadas” do filósofo egípcio neoplatônico Plotino.

O hermetismo recebe essa alcunha em função da figura de Hermes Trismegisto. Yates afirma que ele não existiu, já os textos alquímicos medievais colocam o advento de Trismegisto no mais tardar em 1800 a.C. no Antigo Egito. Sua figura se confundiria com o deus Toth, ora aparecendo como o próprio, ora como seu principal seguidor e difusor.

Modernamente, organiza-se os princípios básicos do Hermetismo em sete:

Mentalismo – Tudo é mente e a matéria é força mental coagulada.

Vibração – Tudo está em movimento, tudo se move, tudo vibra.

Ritmo – Tudo tem fluxo e refluxo, um movimento para frente e para trás.

Polaridade – Tudo tem o seu oposto, o seu duplo, que são diferentes em grau, mas os mesmos em natureza.

Correspondência – O que está em cima é como o que está embaixo, e o que está embaixo é como o que está em cima. Existem três grandes planos: o físico (matéria, substância etérea e energia), o mental (mineral, elemental, vegetal, animal e hominal) e o espiritual, sendo que os sete princípios se encontram em todos eles.

Causa e Efeito – Toda a causa tem o seu efeito. Os estudiosos do hermetismo conhecem os métodos da elevação mental a um plano superior, onde se tornam apenas causadores, e não efeitos.

Gênero – Tudo tem o seu masculino e o seu feminino.

Magia Hermética e Ciência na Idade Moderna

O hermetismo obteve sua maior popularidade na Idade Média. Apesar do cristianismo³ ter-se mesclado inicialmente ao hermetismo, na Inquisição, todo tipo de paganismo foi entendido como heresia pela Igreja, sendo seus praticantes convertidos ou condenados. A ciência - que também inicialmente possuía íntimas relações com o hermetismo - com o seu avanço, foi abandonando-o gradativamente.

Theophrastus Paracelsus Bombast von Honenheim (1493-1541) foi um médico alquimista suíço, muito crítico da medicina de sua época. Segundo o ex-editor da “Nature”, Philip Ball (2009), a concepção de medicina e filosofia de Paracelso baseava-se nos hermetismo e neoplatonismo. Paracelso estudava a natureza para entender o corpo, o que revelava, com tais relações de micro e macro, a presença do Princípio de Correspondência do hermetismo.

Paracelso acreditava nos *arcanos*, incorpóreos eternos que tem o poder de transmutar os doentes. Esses arcanos combatiam doenças de calor com calor, frio com frio etc., o que veio, posteriormente, a influenciar os homeopatas, da máxima “similar cura similar”.

Com o advento do oxigênio de Lavoisier e sua química, diminuiu-se a influência de Paracelso. Ball discute o mito que essa “nova” química seria anti-Paracelso. De acordo com o autor, poderíamos supor que ele aplaudiria a descoberta do oxigênio. A grande perda da química é seu afastamento da filosofia, é o fato dela ter se tornado uma disciplina isolada, paradigma comum no Iluminismo. Paracelso ainda influenciaria a **sinfilosofia** dos Primeiros Românticos Alemães, ou seja, contribuiria no advento de uma nova filosofia “sinérgica” que veio posteriormente influenciar o descobrimento do campo eletromagnético.

Giordano Bruno (1548-1600) foi um polêmico frade dominicano italiano, teólogo, filósofo e astrônomo, morto pela Inquisição. Influenciado pelo hermetismo e pelo neoplatonismo, era divulgador da **arte da memória**, uma técnica mágica de memorização.

Bruno (2008) afirmava no “Tratado da Magia”: “mago designa um homem que alia o saber ao poder de agir”. Yates (1964) chama atenção para o fato de que o cálculo e a experimentação diferenciavam os magos renascentistas dos gregos antigos e teólogos da Idade Média e que essa disposição de homens como Bruno foi o germe que tornou a ciência tão poderosa.

Giordano Bruno conceberia filosoficamente um universo mutante, anímico, infinito e descentrado; sendo que as duas últimas características foram sustentadas pouco depois por Galileu Galilei. Esse último possuía diplomacia com a Igreja, diferente de Bruno, pois suas idéias pagãs e suas peças debochadas em relação à Igreja o levaram a fogueira em Roma, depois de um cruel processo de julgamento. O historiador da ciência Alexandre Koyré (1979) escreve: “foi Bruno quem pela primeira vez nos apresentou o delineamento, ou o esboço, da cosmologia que se tornou dominante nos últimos dois séculos”.

Johannes Kepler (1571-1630) foi astrônomo, astrólogo e matemático alemão, que formulou leis da mecânica celeste que viriam ser muito importantes para a física newtoniana. Segundo o teólogo, ex-padre e especialista em geociência James Connor (2005), Kepler obteve grande fama como matemático imperial e como astrólogo, fazendo certas previsões, recebendo durante certo tempo a alcunha de profeta. Porém, ele sempre foi ambíguo em relação à astrologia, mas achava-a importante para apurar a astronomia. Sua mecânica foi decisiva para engendrar a de Newton, que tirou a importância da astrologia, relegando-a a guetos.

Kepler obviamente sofreu influência do hermetismo, citando longamente Hermes Trismegisto em sua “Harmonia do Mundo” (YATES-1964). A concepção kepleriana de harmonia era um misto de música, astronomia e, principalmente, geometria. Para ele, a harmonia - uma categoria primária da existência que permitia a experiência do mundo - oferecia acesso à mente de Deus.

Devido à sua peculiar fé luterana, Kepler negou, em sua obra, a concepção de universo infinito de Giordano Bruno e Galileu, utilizando-se de argumentos aristotélicos.

Sua mãe, Katharina – que era dada a costumes pagãos, fazendo poções de curas com ervas, mas não era propriamente uma bruxa – foi condenada e presa pela Inquisição já em idade avançada. Os esforços de Kepler permitiram uma soltura tardia, mas logo após, Katharina faleceu.

Isaac Newton (1643-1727) foi físico, matemático, astrônomo, alquimista e teólogo. Segundo a historiadora Betty Dobbs (1984), Newton se dedicou principalmente aos estudos da alquimia que foi a principal inspiração para o seu conceito de “força”. É conhecido o discurso de Keynes (2002) dizendo que Newton não foi o primeiro homem da idade da razão, foi o último dos magos.

Na primeira edição do “*Principia*”, Newton explicitava a sua crença na transmutação da matéria. Com o advento de sua “Óptica”, ele retirou a afirmação do “*Principia*”, ficando apenas na primeira, considerada obra menor. Se Koyré acredita que Newton deixou de acreditar na transmutação, Dobbs afirmaria que ela está subentendida na obra-prima de

Newton. É importante lembrar que Newton era muito influenciado pelos Rosa-Cruzes, e os mestres alquimistas exigiam segredo das descobertas. Koyré (2002) faria ainda uma crítica ao legado de Newton; ele teria posto o “movimento absoluto” no lugar do devir, gerando uma espécie de mudança sem mudança, separando o mundo em dois: o da quantidade, que seria o mundo da ciência e da qualidade, do nosso mundo percebido e experimentado.

Caberia a questão se Newton seria “newtoniano”: *não*, se alimentarmos a hipótese que Newton realmente acreditava na transmutação da matéria. Assim, Einstein e sua Teoria da Relatividade - que equivaleria matéria e energia - não apontariam o “erro” de Newton, mas recuperaria e desdobraria o Newton *oculto*.

Física Moderna

Com a enorme difusão da física “newtoniana⁴”, a magia vai perdendo espaço na sociedade. Nos resta aqui, brevemente, elencar as ressonâncias com a magia que a ciência guarda, “ocultamente”. Vale lembrar que “ciência oculta” na Renascença, era a *ciência do invisível*, como seria hoje, por exemplo, a Mecânica Quântica⁵ (BALL-2009): o prêmio Nobel Wolfgang Pauli fez psicoterapia supervisionada pelo médico suíço Carl Jung. Este ficou tão impressionado pelos temas alquímicos nos sonhos de Pauli que seu interesse gerou o primeiro livro de Jung (1991) sobre o tema. A amizade entre ambos gerou uma troca profícua de cartas (PAULI e JUNG – 2001) e um estudo profundo entre física e psicologia, culminando no conceito junguiano de **sincronicidade** (simultaneidade significativas entre inconsciente e o mundo), depois veio a ser corroborado em parte com a comprovação em laboratório do **emaranhamento quântico** (simultaneidade entre partículas distantes), ambos guardando semelhanças com o Princípio de Polaridade no hermetismo.

O Princípio de Correspondência também tem suas ressonâncias modernas em hipóteses relacionadas a autossimilaridade dos fractais (CLANTON-1997), tanto na cosmologia de Luciano Petronero (GEFTER-2007), em que todo o universo seria fractal, como na **Triangulação Dinâmica Causal** de Renate Loll (AMBJORN, JURKIEWICZ e LOLL) em que, no nível micro, quântico, a estrutura da matéria apresentaria características fractais.

A teoria de unificação das Supercordas (GREENE – 2005) - que supõe cordas como a menor partícula do cosmos cujas diferentes vibrações gerariam todas as outras partículas elementares do universo - possui uma imensa semelhança com o Princípio de Vibração.

Correspondências

Esperamos aqui problematizar a dualidade magia-ciência, compondo um saber transdisciplinar, que pode nos fornecer componentes relevantes para uma maior compreensão da Natureza.

Notas

¹ A Golden Dawn – misto de hermetismo, cristianismo, filosofia, ciência e teosofia - , foi fundada na Inglaterra em 1888 por membros da maçonaria, Fraternidade Rosa-Cruz e Sociedade Teosófica (REGARDIE – 2008).

² Segundo o egiptólogo Eric Iversen (1993), as trocas entre Egito e Grécia se originaram entre os séculos VII e VI a.C.

³ O historiador Raphael Patai (2009) afirma que houve vários alquimistas judeus, dentre eles se destaca Maria, a Judia, que viveu provavelmente no início do século III d.C., criadora do popular processo alquímico **banho-maria**.

⁴ Entendemos “newtoniana” aqui como algo adverso do Newton pensador.

⁵ Prigogine e Stengers (1984) diriam: a MQ constrói a ponte entre essa ciência do ser e o mundo do devir - daí o título estoíco deste texto.

Referências Bibliográficas

AMBJORN, Jan, JURKIEWICZ, Jerzy e LOLL, Renate “Universo quântico auto-organizado” **in:** *Scientific American 75 ano 06*, pp 28-35, 2008.

BALL, Philip, 2009, *O Médico do Demônio*. 1a ed. Rio de Janeiro, Imago.

BRUNO, Giordano, 2008, *Tratado da Magia*. 1a ed. São Paulo, Martins Fontes.

CLANTON, Amy, 1997, *Art, Science and Wholeness*. **In:**
<http://www.hermeticgoldendawn.org/hogdframeset.html>

CONNOR, James A., 2005, *A Bruxa de Kepler*. 1a ed. Rio de Janeiro, Rocco.

DOBBS, Betty Jo Teeter, 1984, *The Foundations of Newton's Alchemy or, The Hunting of the Greene Lyon*. 1 ed. Cambridge, Cambridge University.

GEFTER, Amanda, 2007, “Is the universe, fractal?” **In:**
<http://magickriver.blogspot.com/2007/10/is-universe-fractal-by-amanda-gefter.html>

GREENE, Brian, 2005, *O Tecido do Cosmos*. 1a ed. São Paulo, Companhia das Letras.

IVERSEN, Eric, “A Tradição Canônica” **in:** HARRIS, J. R., *O Legado do Egito*, 1a ed. Rio de Janeiro, Imago, 1993.

JUNG, Carl Gustav, 1991, *Psicologia e Alquimia*. 1a ed. Petrópolis, Vozes.

KEYNES, John Maynard, “Newton, o homem” **In:** COHEN, Bernard e WESTFALL, Richard S (org.), 2002, *Newton – Textos . antecedentes . comentários*. 1a Ed. Rio de Janeiro, UERJ/Contraponto.

KOIRÉ, Alexandre, 1979, *Do Mundo Fechado ao Universo Infinito*. 1a ed. Rio de Janeiro, Forense-universitária.

_____ “O significado da síntese newtoniana” *in*: COHEN, Bernard e WESTFALL, Richard S (org.), 2002, *Newton – Textos . antecedentes . comentários*. 1a ed. Rio de Janeiro, UERJ/Contraponto.

PATAI, Raphael, 2009, *Os Alquimistas Judeus*. 1a ed. São Paulo, Perspectiva.

PAULI, Wolfgang e JUNG, C G, 2001, *Atom and archetype – The Pauli/Jung Letters 1932-1958*. 1 ed, Princeton, Princeton University Press.

PRIGOGINE, Ilya e STENGERS, Isabelle, 1984, *A nova aliança*. 3a ed. Brasília, Editora UnB.

REGARDIE, Israel, 2008, *A Golden Dawn – a Aurora Dourada*. 1a ed. São Paulo, Madras.

WESTCOTT, William Wynn (org), 2003, *Coletânea Hermética*. 1a ed. São Paulo, Madras.

YATES, Frances A. 1964, *Giordano Bruno e a tradição hermética*. 1a ed. São Paulo, Cultrix.